

TIPOLOGIAS TEXTUAIS DA CRÔNICA: JORNAIS E AUTORES

José Alcides Ribeiro (USP)
zecarib@uol.com.br

Nos jornais do Rio de Janeiro do século XIX, são muitas as seções de crônicas localizadas sempre na seção folhetim dos jornais diários. A notícia aparece no gênero da nota objetiva e do comunicado extenso. A crônica é o outro gênero no qual a notícia aparece. Um aspecto importante que distingue a crônica da nota e do comunicado nos jornais cariocas é o fato dela abrigar autores que exploram na focalização textual pontos de vista de crítica clara e detalhada sobre os vários aspectos do valor notícia para a comunidade. Críticas que no caso da nota são rarefeitas e que no comunicado aparecem de maneira velada e discreta.

Esse aspecto de crítica contundente é operacionalizado pelos autores, em linhas gerais, pela alta concentração da ironia nos níveis textuais retóricos e estilísticos. Ao leitor atento das seções de crônicas de jornais do período, fica evidente a presença duma grande vertente de autores que exploram efeitos retóricos e estilísticos irônicos.

É extremamente importante perceber dois fenômenos essenciais constitutivos da relação entre o jornal e o leitor de crônica no período. Um fenômeno liga-se ao fato de as seções do jornal formarem o modelo situacional da cognição do leitor, pois devido à organização reiterativa (repetitiva) delas, o leitor já tem no seu universo mental as temáticas informacionais e as estruturas típicas de texto. As seções aparecem com títulos permanentes em caixa alta e negrito.

O outro fenômeno é o de que as seções formam um vocabulário no modelo situacional da cognição do leitor, vocabulário com o qual a percepção do leitor se acostuma. Como palavras-chave, as seções são, na verdade, o vocabulário geral da seção folhetim e formam uma rede de termos/noções continuamente oferecida em forma de mosaico ao leitor.

1. *Jornal do Commercio*

As inúmeras seções de crônicas do *Jornal do Commercio* contêm aquilo que, muitas vezes, é rarefeito em vários gêneros jornalísticos de suas páginas. É o aspecto opinativo, que nas crônicas se manifesta por meio da crítica direta ou apoiada na sátira, na ironia, na paródia e no humor. Assim, são feitas críticas ao governo, às instituições públicas e privadas. Esse fenômeno, no qual um gênero completa o que falta no outro por motivos contextuais (direção do jornal, leitores, política), não permite que se possa dizer que o *Jornal do Commercio* seja no período do século XIX e de até meados dos século XX conservador na sua totalidade.

2. *Crônicas - rubricas de longa duração*

2.1. Raul Pompeia

Raul Pompeia escreve para o *Jornal do Commercio* a Seção Aos Domingos, 18 de agosto de 1889 a 15 de junho de 1890. Utiliza o pseudônimo Y.

Raul Pompeia apresenta a mesma tradição irônica de Augusto de Castro nas crônicas de Aos Domingos. Há uma focalização nas crônicas em que o escritor expressa pontos de vista claros e incisivos, aspecto que o diferencia de outros autores de crônica do período. Os temas das crônicas interessam sempre à opinião pública. Há o valor noticioso nos temas: sessões da Câmara Municipal, Câmara dos Deputados e do Senado, a carestia extraordinária da carne verde (carne fresca), o desenvolvimento de epidemias, festas religiosas (Festa da Glória, festa de lanternas, e outras), escritores do período, Guarda Nacional.

A crônica de 26 de janeiro de 1890, um velório de um ladrão assassino, apresenta em cada um dos episódios narrados, as características da superestrutura do esquema jornalístico, descritas por Van Dijk (1990, p. 82-86), estão presentes. É um texto com marcas dos traços do discurso jornalístico.

É interessante lembrar que Van Dijk (1990, p. 82-86) classifica o esquema como uma forma global do discurso definida em termos de um esquema baseado em regras que estabelecem as formas possíveis em que se podem inserir e organizar os temas e assuntos de um texto real.

Van Dijk (1990, p. 82-86) caracteriza em detalhes todas as partes que compõem o esquema do texto jornalístico. Há duas grandes partes: a do resumo e a do relato. A parte do resumo agrega o título e o cabeçalho. O *relato* jornalístico é constituído pela exposição de uma *situação* ou mais de uma e *pelos comentários*. Cada situação contém um *episódio* ou mais de um. Em cada episódio, são apresentados os *acontecimentos principais* e as suas *consequências*. Ainda em relação à situação narrada, são contados os *antecedentes do episódio*, formados pelo registro dos aspectos do tempo da *história* (aspecto do tempo bem anterior) e pela indicação do *contexto* dos antecedentes com as suas *circunstâncias* e *acontecimentos prévios*.

Na a história da crônica, todos os aspectos do relato, encaixam-se nos típicos elementos da superestrutura do texto jornalístico: o esquema da perseguição do ladrão, o tiroteio da polícia, morte do ladrão, tudo está aqui. Integram, ainda, o relato, os *comentários* que são compostos pelo registro das *reações verbais* e das *conclusões*. As reações verbais são as reproduções dos depoimentos diretos dos participantes do episódio. As *conclusões* são os registros das *avaliações* e das *expectativas* do jornalista ou do jornal sobre a situação e seus elementos.

É interessante notar que todos no velório são amigos do ladrão, mas interrogados dizem-se conhecidos, apenas. Van Dijk (p. 86-88) indica que a rigor apenas o título e os acontecimentos principais devem ser encontrados obrigatoriamente num discurso jornalístico bem elaborado. Categorias como os antecedentes, reações verbais e comentários são opcionais e as sequências do texto podem desempenhar simultaneamente várias funções. A superestrutura esquemática e o desenvolvimento temático são alicerces para a dimensão estilística e persuasiva do texto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

A superestrutura esquemática e o desenvolvimento temático são entrelaçados na crônica. Sua macroestrutura temática é composta pelo relato e o comentário.

3. *A dimensão retórica e o efeito irônico nas crônicas*

Van Dijk (1990, p. 122-126) tem em vista que além do aspecto argumentativo (raciocínio pelo qual se tira uma consequência ou dedução), a dimensão retórica do texto (dimensão persuasiva) tem o aspecto formal que regula os modos ou as maneiras das suas formulações ou proposições. Para o autor a linguagem figurada integra a dimensão retórica. De acordo com Heinrich Lausberg (1968, p. 309-400), as figuras são certas formas de linguagem que dão ao discurso mais graça, vivacidade, brilho, energia e classifica as figuras de linguagem como figuras de palavras, de gramática (de construção) e de pensamento. O autor dá o nome de linguagem figurada à linguagem na qual se encontram muitas figuras. Para Lausberg (1968, p. 20-97), as figuras de palavras (tropos), são transplantes semânticos (de significados) executados dentro de certas relações semânticas: são linguagem enigmática que convida o público à participação ativa na criação da obra. As figuras de gramática apresentam desvios da morfologia e da sintaxe regular. As figuras de pensamento atingem os modos expressivos conceituais, modos ligados aos conceitos formulados pelos pensamentos. Os aspectos formais podem ajudar a representar a informação do texto na memória, a organizar bem a informação, a aumentar as possibilidades de sua utilização e de seu resgate e a influenciar nas trocas de opiniões e de crenças.

3.1. *Estratégias discursivas irônicas em Raul Pompeia*

3.1.1. *Cumulação*

Na crônica 18/8/1889, Raul Pompeia concentra a focalização irônica sobre a superficialidade da sociedade carioca, opondo-a ao falecido José Ricardo Muniz. Explora a figura de linguagem da cumulação. Paulatinamente, mas bem repetitivamente, vai ampliando o sentido semântico do vocábulo “sociedade”. Na verdade, constrói uma isotopia crítica. Por meio dessa estratégia discursiva, faz o elogio a José Ricardo Muniz, que falecera anteriormente. O cronista diz que sua morte é m verdadeiro motivo de luto para a sociedade

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

fluminense. Acumula inúmeros períodos em que vai excluindo semanticamente no termo sociedade o sentido de gente fútil e superficial. A repetição sintática aqui também acontece. Diz que sociedade é o “teatro dos fortes que vencem, fortes que lutam” (18/08/1889).

3.1.2. *Disfemismo*

Na crônica do dia 25/8/1889, o tema é a Guarda Nacional. O autor comenta a invenção dos uniformes da Guarda Nacional. Diz que essa invenção de guardas nacionais é uma grande coisa. “Vem prestar um grande serviço à estética das presenças, dando que fazer *a muitas linhas marciais, abdomens obuses de esêndidos capitães... opulentos bigodes coronelícios.*” (Grifo nosso)

4. *Dimensão estilística: a focalização irônica*

Recorrentemente, o autor repete a exploração de substantivos nas várias formas, adjetivos, verbos e vocábulos de origem estrangeira (francês).

4.1. Adjetivos

O Dr. Valentim Magalhães, um dos *novos*, mais do que isso... (18/8/18)

4.2. Substantivos

Depois da invenção das *fardinhas* sem perigo da soberba marca G. N. quantos esbeltos mancebos não têm sonhado com uma balada na alma...

E os efeitos da farda para ser amado?!... Com que facilidade não se deixará prender o sexo mais sensível pela aparência guerreira?!

Telle est la femme. Elle décerne (outorga, dá).

Avec empotement (exaltação) son âme à la caserne. (25/08/1889)

Essa utilização de vocábulos e expressões francesas é explorada por outros autores, por exemplo, Machado de Assis. A diferença é que Raul Pompeia apresenta uma focalização de crítica a temas políticos e da vida política em geral, da vida econômica e financeira, ele não fica só na crítica às instituições gerais, Senado e Câmara, como em Machado de Assis. Transparece em Raul Pompeia uma visão emocional, que o levava a se indispor com personalidades do mundo social, nos seus vários setores, da alta sociedade carioca; a verdades os dirigentes da geral do Brasil.

4.3. Ironia e marcadores linguísticos de oralidade

Na crônica do dia 26 de janeiro de 1890, há exploração de marcadores de oralidade como crítica ao contexto da época. O tema é sobre o preço exorbitante das cerimônias funerárias. Daí a explicação que ele apresenta da expressão preços “pela hora da morte” ligada aos preços apertados das coisas no comércio. Contrapõe a isso, o mito de Caronte que para levar a alma do mundo do vivo para o mundo dos mortos, cobrar apenas um óbolo. Insinua que deveríamos seguir o exemplo do herói mitológico. Diz que os médicos já dissecam o cadáver antes dele morrer, pois cobram “os olhos da cara”.

Como se pode notar são estratégias discursivas muito utilizadas ainda hoje no gênero nos veículos de comunicação publicadores da crônica atualmente. Aqui se cite os jornais, revistas e os meios digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEM, J. M. *Le sens de l'humour*. Paris: Dunod, 1987.

DIJK, Teun A. van. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona, Buenos Aires: Paidós, 1990.

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

———. *Strategies of discourse comprehension*. Orlando: Academic Press, 1983.

———. *Text and context*. New York: Longman, 1977.

LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

LAUSBERG, H. *Manual de retórica literária*. Madri: Gredos, 1968.

RIBEIRO, J. A. *Transdisciplinaridade: literatura brasileira e jornalismo*. Botucatu: Jornal do Commercio, 2007.

STEDMAN, Raymond Willian. *The serials: suspense and drama by installment*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1977.

SUE, Eugênio. *O judeu errante*. São Paulo: Brasil Editora, 1944.

———. Os mistérios de Paris. In: *Folhetim de A Tribuna*, 1948.

———. *Les mystères de Paris*. Paris: Hallier, 1977, 4 tomos.

TAUNAY, Visconde. *Reminiscências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908.

TOMACHEVSKI, B. *Formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.

TORTEL, Jean. Le roman populaire In: *Histoire des littèratures*. Paris: Gallimard, 1950.

———. Esquisse d'un univers tragique ou le drame de la toute puissance. In: *Cachiers du Sud*. Paris: 310, 1951.

WARNER, Oliver. *Captain Marryat: A Rediscovery*. London: Constable, 1953.

WEISSTEIN, Ulrich. *Introducción a la literature comparada*. Barcelona: Planeta, 1975.

ZUMTHOR, Paul. *La lettre et la voix*. Paris: Seuil, 1987.

———. *Introduction à la poésie oral*. Paris: Seuil, 1983.